



# MEU QUERIDO CAIPIRA

MAINA MATTOS

MEU  
QUERIDO  
CAIPIRA

MAINA MATTOS



Às minhas avós, Lucínia (in memoriam), a primeira pessoa a ler um livro meu quando adolescente e me apoiar nessa jornada de escrita; e Ester, leitora assídua, por me proporcionar tão deliciosos momentos de minha infância na roça. Ambas me incentivaram no mundo dos livros.

Ao meu marido, Francisco, meu querido caipira, quem tanto me inspira, ainda que para isso, às vezes, eu tenha que conviver com o cheiro do chiqueiro.

*“Minha vida é apenas uma tapeçaria entre mim e meu Senhor; eu não escolho as cores, ele trabalha incansavelmente. Muitas vezes, ele tece tristeza e eu, em tolo orgulho, esqueço que ele vê do lado certo; e eu, apenas o avesso. Apenas quando o tear ficar mudo e as lançadeiras cessarem de esvoaçar, então Deus desenrolará a tela e me explicará a razão de tudo. Nas habilidosas mãos do Tapeceiro, os fios escuros são tão necessários para a composição que ele planejou quanto fios dourados e prateados.”*

*Grant Colfax Tuller*

# Índice

[Dedicatória](#)

[Epígrafe](#)

[Prefácio](#)

[Nota da autora](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Epílogo](#)

[AGRADECIMENTOS](#)

[Pequena Biografia da autora](#)

[Sobre o autor](#)

[Livros deste autor](#)

REVISÃO:  
Clys Oliveira

DIAGRAMAÇÃO:  
Lilás Design

DESIGN DA CAPA:  
Kah Design

IMAGEM DA CAPA:  
Esta capa foi projetada com  
ilustrações da Kah Design

CATEGORIA:  
Ficção cristã

1ª EDIÇÃO:  
janeiro 2022

Meu querido caipira/ Maina Mattos  
Caeté, 2022.

Esta é uma obra de publicação  
independente.

Todos os direitos reservados.  
Nenhuma parte desta obra pode  
ser reproduzida ou transmitida por  
quaisquer meios sem permissão  
por escrito dos editores, salvo em  
breves citações, com indicação da  
fonte.

Copyright © 2022 por  
Ívina R. M. de C. Maiolo



## Prefácio

Num mundo caído, onde a cultura literária foi demasiadamente afetada, nos oferecendo um banquete de pecado por meio de páginas impressas ou digitais; numa cultura que nos faz aceitar o romance pecaminoso como algo normal, a proposta de *Meu Querido Caipira* emerge, sendo totalmente antagônica a essa abordagem secular.

O apóstolo Paulo, escrevendo aos romanos, aconselha: “E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente” (Romanos 12:2). Arrisco dizer que, muito provavelmente, tenha sido esse um dos muitos objetivos de Maina ao escrever este romance: renovação da vossa mente.

Com um enredo bíblico, cortejo fundamentado à luz das escrituras e um deleite ao que é de fato o romance cristão, é no que *Meu Querido Caipira* se fundamenta. Mesmo sendo uma obra fictícia, não foge da nossa realidade, daquilo que é abstrato. É um romance que nos permite viajar com os pés no chão, mostrando que: pecadores podem ser alcançados num mundo caído; Deus age na história através de sua providência; e que o cortejo pode ser

desenvolvido sem o pecado, sem a necessidade do toque e maledicência.

Ademais, trata-se de um romance que nos mostra que o casamento é um desejo de um Deus Santo que criou homens e mulheres a fim de ser Glorificado nessa união e não um fardo como o mundo secularizado nos fez acreditar. Dentre muitos aprendizados, *Meu Querido Caipira* nos ensina que é possível glorificar a Deus em todas as áreas da vida, aprendendo a estar contentes, aonde quer que formos colocados, e pacientes com o bom propósito dEle.

*Meu Querido Caipira* nos ensina que pecadores remidos podem servir a Deus em lugares que nunca imaginaram. Diante de uma cultura que aprendeu a consumir o errado como certo e a ler o pecado como “normal”, esse livro te fará ler verdades quanto a vida prática e teológica, pois a autora, a quem muito admiro, se fundamenta na verdade absoluta, a saber, a Bíblia, a qual nos foi dada pelo próprio Deus. Leia e sejam edificadas!

Ailton Irias,  
criador da página Doutrina Puritana.



## Nota da autora

*Meu Querido Caipira* foi meu primeiro romance cristão, publicado na plataforma Wattpad, em 2017, quando iniciei, de fato, minha jornada com a escrita, muito embora a versão que você tem em mãos seja bem diferente em diversos aspectos daquela inicial. Mas, de alguma maneira peculiar, ele ainda preserva muito do enredo original, dando um gostinho especial para essa autora que vos escreve e para as leitoras que acompanharam meu crescimento como escritora.

A ideia inicial era deixá-lo quietinho no lugar original onde foi publicado, em parte por ser um livro pequeno, cuja mensagem principal é o foco da obra, e em parte justamente por ainda manter características de um livro de uma autora iniciante. Entretanto, conhecendo a busca incessante por romances cristãos de cortejo bíblico por leitoras de ficção cristã, grupo no qual eu me encaixo, e sabendo da defasagem existente de tal temática, após assistir um vídeo de um testemunho sobre como *Meu Querido Caipira* influenciou uma jovem em sua caminhada cristã, aliado a tantos outros feedbacks de leitores, num ato de coragem resolvi levar o projeto para frente. E cá estamos, com esse enredo de deixar o

coraçãoquentinho, além de proporcionar algumas risadas em quem se aventura por entre as palavras aqui organizadas.

Se você conhece meu trabalho e estilo, provavelmente sabe o que te espera nas próximas páginas. Se não, convido a conhecer um romance fundamentado naquilo que creio, permeando o que aprendi nas Escrituras, tanto sobre a soberania de Deus, sua providência e cuidado com os Seus, redenção e, claro, uma das marcas da minha escrita: o cortejo bíblico, em busca da pureza de um relacionamento entre cristãos.

No mais, espero que você goste desse que é o romance mais curto que escrevi e que representa o salto inicial de um caminho pela escrita, no qual eu tenho muito ainda a percorrer. Que essa história possa abençoar sua vida e que Cristo possa ser glorificado sempre e sempre.

Com carinho,  
**Maina Mattos. SDG**

*Nem todas as falas e contextos dessa obra significam ser o meu ponto de vista, nem se trata de uma verdade absoluta. Tanto eu, a autora, quanto os personagens, são humanos e muito suscetíveis a falhas. Minha intenção não é, de maneira nenhuma, trazer uma nova revelação acerca de Deus ou de Sua vontade, mas levar entretenimento a você, leitor, que poderá apreciar o conteúdo e se divertir com nossos queridos protagonistas. Claro, há também uma mensagem envolvendo essa história fictícia e ela tem embasamento cristão. Entretanto, não absorva nada como verdade absoluta, exceto as citações Bíblicas, que são nossa regra de fé e prática.*



## Prólogo

— Definitivamente, não, pai! Você não pode fazer isso comigo! — esbravejei, deixando meu corpo cair na poltrona da sala, os meus olhos fixos no homem que acabara de me dar uma notícia aterrorizante.

— Filha, não temos opção. — Meu pai me lançou seu famoso olhar intimidador, reprovando minha rebeldia. — Você ainda é menor de idade e, enquanto não puder se sustentar e andar com as próprias pernas, não tem escolha.

— Pai...

E foi exatamente nesse dia que minha vida acabou!

Tudo bem, eu estou exagerando um pouco. Mas, sim, foi algo desesperador, apavorante, sem nexo! Meu pai queria que *euzinha*, Lara Nicole, fosse viver com ele naquele fim de mundo, atolada no meio de montes de cocô de vaca, pois era exatamente essa a definição que eu tinha do lugar para onde ele tentava me convencer — ou me obrigar — a nos mudarmos.

Meu progenitor estava realmente louco!

Chuchu e chocolate não combinam, assim como Lara e roça!

Está certo, quando eu era criança adorava aquela região. Mas as coisas mudam... e para melhor. Viver naquele fim do mundo, onde Judas perdeu as botas, pés e pernas, estava fora de cogitação e de meus planos para o futuro. Não, não, não!

Não é só pelo lado ruim da coisa, é pelo lado horrível mesmo! Além de deixar para trás minha vida agitada na cidade, precisaria conviver com a simplicidade daquele povo — será que eles ao

menos sabem o que é Instagram? — e seria obrigada a pisar no mesmo chão sujo, usado, diligentemente, como banheiro por cavalos, vacas, galinhas e outros animais que não têm um pingão de noção de higiene.

Não! Definitivamente, não! Seria a morte!

— Eu não vou! — determinei, cruzando os braços e pernas, elevando levemente o nariz, buscando intimidar meu pai. Ele não resistiria à súplica de sua única filha... Resistiria?

— Ok! Tem uma vaga para você debaixo do pontilhão — meu pai respondeu um pouco impaciente, retirando-se da sala, não me dando nem a chance de retrucar.

O problema era que ele estava certo: eu não tinha escolha.

Droga!

Os negócios estavam indo de mal a pior, e voltar para as suas origens sempre fora o sonho de papai. Se ele ainda não tinha concretizado esse desejo era apenas por minha causa e da minha mãe. Contudo, quando mamãe se foi, sete anos antes, ele começou a cogitar nosso retorno para a roça. E quando meus avós ligaram revelando a necessidade de mão de obra e ajuda com os afazeres da fazenda, ele resolveu, por fim, pisotear meu coração e passar em cima de sua filha, literalmente, com um trator.

Meu pai nasceu para viver uma vida simples, não posso negar.

Mas eu não!

Era injusto! Muita injustiça com uma pessoa só. Além do mais, não posso deixar de mencionar que Canaã era uma espécie de comunidade cristã. Todo mundo por lá era religioso. E como tal, provavelmente esperavam que nós não fôssemos diferentes — quanto tempo demoraria para eu estar vestindo uma saia no tornozelo e cantarolando hinos durante o dia? Provavelmente meu pai estivesse sentindo falta disso também. Desde a morte da mamãe, ele não era mais o mesmo homem religioso e devoto de antes. Vira e mexe reclamava que se sentia frio espiritualmente e precisava de um renovo em sua vida, e nos meses anteriores a nossa partida ele havia voltado a ser um membro assíduo na igreja, passando horas do dia debruçado em sua Bíblia e orando baixinho pela casa.

E eu estava feliz por ele ter retornado com parte de sua vivacidade de antes do luto, claro. Ele é meu pai, eu o amo!  
Porém, eu não queria aquela vida para mim.



## Capítulo 1

Eu estava encostada no vidro da janela da caminhonete, observando, distraída, a paisagem mudar, gradativamente, de urbana para rural, a cada quilômetro rodado. Era definitivo. Meu pai vendeu nossa casa, trocou nosso carro por um que aguentasse o tranco da fazenda e guardou o restante do dinheiro para investir em negócios na roça — vacas leiteiras, talvez? Eu perdi minha esperança e minha herança, porque nosso apartamento lindo, onde eu guardava as melhores lembranças de nossa vida familiar, já não fazia mais parte de mim.

O caminhão de mudança vinha atrás, mas meu pai fez questão de carregar poucas coisas. Foi necessário deixar alguns pertences para trás e ele insistiu comigo de que não eram necessários tantos pares de salto alto. Segundo ele, a vida na roça era simples.

Simple até demais!

Chegamos à casa da minha avó. O sítio, contrariando as minhas expectativas, era até bem arrumadinho. Embora, num primeiro momento, eu tenha demorado a reconhecer o local devido às mudanças, a região não me era estranha. Passei muitas das minhas férias ali durante a infância. Contudo, à medida que fui crescendo e conhecendo melhor os lazes da cidade grande, arrumei uma maneira de negar a proposta de meu pai de visitar a vovó e corria para outra parte: casa dos meus tios, da minha amiga ou o lugar que fosse possível para poder continuar na cidade.

Porém, o que me adiantou? Ali estava eu, respirando aquele ar, que de puro não tinha nada, pronta para chamar de “meu lar”.

Meus avós estavam empolgados com nossa chegada. Meu pai estava empolgado. O cara do caminhão da mudança estava empolgado. Aparentemente, os cachorros do vizinho também. Só eu, a única ajuizada, não.

Saí do carro e já afundei na merda, literalmente.

Alguém deveria ensinar esses bichos a usar o banheiro! Minha sandália linda e cara...

— Lara, minha netinha! Como você cresceu! — Algo que eu não tinha me esquecido era dos abraços calorosos da vovó, esses que deixavam a gente sem ar. Contudo, a gentileza dela era aparente e realmente demonstrava uma grande medida de amor quando nos tomava nos braços. — Arrumamos um quarto lindo para você — declarou perscrutando todo o meu rosto, sem desfazer o sorriso enquanto apertava minhas mãos.

*Ok.* Eu estava super animada para ver. Sorri, porque eu não poderia ser insensível ao carinho demonstrado e subi as escadas, seguindo minha doce e amorosa avó, que falou sem parar durante o trajeto, e eu, finalmente, contemplei meu dormitório. Até que não era assim tão ruim. Era um quarto grande, tinha uma cama de casal, um guarda-roupa de seis portas, um movelzinho antigo. Apesar da decoração rústica, era um cômodo lindo!

— Não, Lara, esse é o do seu pai. O seu é esse aqui, à direita — vovó advertiu com sabedoria.

*Tá.* Agora estava visualizando o meu quarto. Era pequeno, tinha uma cama de solteiro, um guarda-roupa de quatro portas e uma cômoda, o que tornava o aposento bem apertado, quase não sobrando espaço para se andar lá dentro. Mas o ponto alto daquele espacinho minúsculo era uma janela de madeira azul enorme, rústica, cujo marco se estendia até quase o chão. Abri-a e me deparei com uma vista incrível, precisava admitir. Montanhas ao fundo pincelavam a paisagem que terminava no sítio do vizinho bem à frente, com um pasto enorme, exibindo a grama verdinha.

Suspirei, ainda apoiada à janela, contemplando a imensidão verde, recordando da realidade. Eu não tinha mais escolhas, aquela

era minha nova vida. De um jeito ou de outro, precisaria aceitar o infortúnio imposto a mim e arrumar minhas coisas.

— Vó! Aqui não pega sinal da internet? — perguntei, virando meu celular em todas as posições possíveis em busca de um sinal pela casa.

— Não — ela respondeu sem esconder a graça ao observar a cena. — Precisamos comprar uma antena rural. — Depois, deu alguns tapinhas carinhosos em minha mão. — Seu pai deve providenciar isso logo, logo, minha querida.

Fim do mundo! Sem internet? Literalmente, fim do mundo!

Sem opções, comecei a desfazer minhas malas e organizar meus pertences. Contudo, não demorou muito para que tudo estivesse no lugar, e o tédio, então, reinou absoluto.

O que fazer sem internet, sem amigos, sem vida? Talvez me sufocar com o travesseiro.

Lamentei, jogada à cama, pela minha triste sina. Àquela hora era para eu estar na escola, com meus colegas. E, não posso me esquecer de mencionar, com o Henrique. Eu e ele crescemos e estudamos juntos durante a vida inteira, por essa razão nos tornamos grandes amigos. Diante dessa realidade, devo acrescentar que desde os meus 13 anos eu nutria uma grande paixão por ele. Passei toda a minha adolescência esperando o dia em que ele me notaria e, assim como eu, desejaria levar nossa relação muito além da amizade. Tentei me declarar algumas vezes, entretanto, tive medo de estragar tudo pelo fato de termos uma relação tão legal. Porém, um dia antes da minha partida, quando estava me despedindo, eu entreguei uma carta, na qual eu abria meu coração e dizia tudo o que sentia em relação a nós dois. Estava esperançosa de que ele viesse me visitar e, enfim, pudéssemos viver o que sempre sonhei.

Também o veria na formatura. Meu pai conseguiu fazer um acordo com a escola, que devido às minhas excelentes notas, me permitiu sair de férias um mês e meio antes, garantindo minha formação no Ensino Médio sem maiores problemas. E meu pai prometera que me levaria na festa, custasse o que custasse.

E quanto à faculdade... Bom, era o desejo de meu pai que eu morasse durante um ano na roça antes de fazer qualquer coisa, de tomar qualquer decisão. Depois de muito conversar, firmamos um

acordo: se em 365 dias eu não me adaptasse a minha nova vida, ele me deixaria partir, me apoiaria e sustentaria, independentemente da minha escolha. Lógico que usaria isso ao meu favor! Sempre sonhei em ir para o exterior.

E ele deu sua palavra, então... Só precisava sobreviver durante aqueles doze meses.



Uma semana se passou e já estava louca. Já havia lido todos os livros que havia trazido e assistido a todos os programas de TV existentes; também já rodei por toda a casa com o celular em mãos, tentando achar um sinal de internet. Nada! O que se fazia em um lugar como aquele?

Estava sentada à mesa, tomando café com minha avó, quando meu pai apareceu. Ele parecia apressado e muito aflito.

— A vaca do João está atolada. Eu e o pai estamos indo com o trator tentar ajudar — deu as explicações antes mesmo que perguntássemos o motivo de estar tão afoito e saiu.

Muito emocionante! Olha que atividade legal: puxar a vaca atolada com o trator! Quanto a mim, a melhor coisa a se fazer seria subir e me trancar no meu quarto, me atolar no colchão e dali nunca mais sair.

Da minha janela, pude acompanhar o movimento na fazenda do João, ao lado. Dava para ver que um acontecimento do tipo era suficiente para movimentar toda a comunidade local, uma vez que havia muitas pessoas reunidas tentando ajudar, seja com o trabalho braçal, seja gritando palavras que pareciam não surtir nenhum efeito em prol de alcançarem o êxito da missão.

Eu conhecia aquele lugar. Quando criança, atravessava a cerca de arame e passava o dia todo no sítio ao lado, brincando com uma menininha, filha do casal. Porém, minha lembrança era bastante vaga e, devido às mudanças ocorridas com o passar do tempo, a fazenda não se parecia mais com o mesmo lugar que mantinha em minha memória.

Será que eles tinham internet? Meu íntimo se agitou ao pensar na pequena possibilidade de encontrar um mísero sinal, ao

menos para conferir se não havia alguma mensagem para mim. Certamente meus amigos sentiam minha falta.

Pronta para desbravar o desconhecido, munida com o aparelho celular, eu saí rumo à fazenda vizinha, determinada em conseguir algum sucesso na minha empreitada. Após vencer uma verdadeira maratona para desviar do campo minado que tomava conta de toda a extensão do caminho, cheguei à divisa da cerca, tentando avistar alguém pronto para me receber. Mas, ao que parece, toda alma viva estava no pasto, lutando pela vida da vaca. Empurrei a porteira e fui entrando. Mas voltei para trás correndo quando os cachorros vieram latindo desordenadamente em minha direção.

— Saiam daqui, seus monstros! — gritei desesperada, gesticulando com as mãos, tentando afastar os donos dos latidos para longe.

Entretanto, para meu sucesso e dando o pontapé inicial para minha vitória, os cachorros alertaram alguém dentro da casa de que tinha uma visita no portão — no caso, eu.

Uma menina de cabelos loiros escuro, olhos azuis e com a pele queimada de sol veio me receber. Ela trajava um vestido florido e romântico, combinando perfeitamente com as tranças laterais. Enquanto caminhava, sustentava no rosto uma expressão meio de dúvida, meio de surpresa.

— Lara? — Ela parecia admirada e feliz em me ver. E eu... Bom, não fazia ideia de quem era aquela linda moça.

— Oi — cumprimentei, muito simpática, tentando disfarçar meu embaraço e ganhar tempo para desvendar o mistério de como ela me conhecia.

— Entre — declarou, animada, abrindo a porteira para mim. — Por favor, venha. Que honra recebê-la aqui!

Eu entrei devagar, insegura com a presença dos cachorros, que, na companhia da dona, deixaram de ser tão ameaçadores. Sensível ao meu medo, ela os tocou para longe, enquanto eu planejava como começaria uma conversa com alguém que eu não fazia a mínima ideia de quem era e que não só me conhecia, mas demonstrava estar feliz em me ver. Como pediria acesso à internet no meio de uma situação tão constrangedora? Imaginei, óbvio, ser

aquela a garotinha que brincava comigo, mas não me recordava nem o seu nome.

Resoluta, abri o jogo.

— Você é a... — deixei no ar para ela entender que era uma pergunta.

— Gabi — ela respondeu prontamente ao compreender minha falta de modos. — A gente brincava junto quando criança. — Ela riu. Graças a Deus não a ofendi com minha péssima memória. — Sua avó me contou da mudança definitiva de vocês. Fiquei tão feliz com a notícia!

E lá vamos nós... Mais uma feliz e empolgada com a minha amarga vida. Mas tudo bem, eu superaria.

Só um ano! Aguenta Lara, são apenas 365 dias! Você resiste!

— É sim. — Sorri forçado, tentando parecer empolgada, mas minhas mãos nervosas pareciam denunciar meu verdadeiro sentimento. — Embora não seja totalmente definitiva. A princípio, ficarei por um ano. — Mordi os lábios enquanto caminhávamos em direção ao casarão. — Eu me lembro vagamente de você, me perdoe. — Tentei ser bem simpática, uma vez que não poderia arriscar ofender minha única esperança de comunicação com o mundo exterior. — Mas me recordo que passava o dia todo por aqui durante minhas visitas nas férias.

— Sim, é verdade. Passamos por muitas coisas juntas. — Sua expressão se tornou nostálgica. Ela parou e me encarou, o olhar denunciando uma singeleza e doçura diferente. — Uma vez caímos da pinguela<sup>[1]</sup> no ribeirão...

— E ficamos correndo por todo o pasto para tentar fazer nossas roupas secarem e não levamos uma baita repreensão dos nossos pais.

Fiquei feliz com meu primeiro sucesso: lembrei-me de uma situação divertida. Progredi na minha missão!

— Isso mesmo! — Gabi voltou a andar, fazendo-me acompanhá-la em direção a casa. — Bons tempos, aqueles — declarou suspirando. Quando chegamos ao primeiro degrau que dava acesso à varanda, nós interrompemos a caminhada. — Veio atrás de seu pai?

— Na verdade, não. Hum, eu estou sem internet e preciso olhar urgente meu e-mail. — Uma mentira com meias verdades. O que papai pensaria sobre isso? — Queria saber se vocês têm *wifi* aqui e se porventura eu poderia usar. Estou preocupada porque estou há uma semana sem sinal e não consigo ter acesso às notícias.

— Ah, claro. O sinal daqui não é lá essas coisas, mas acho que é suficiente para você abrir seu e-mail. Por favor, entre. Na sala funciona melhor. — Com um sorriso e as mãos estendidas, ela me encaminhou para o cômodo referido. A propriedade era muito bonita e charmosa, possuía uma varanda enorme e os móveis eram de muito bom gosto. Toda a casa tinha o estilo rústico e era muito bem projetada. O jardim em frente dava um toque final à beleza do lugar. — Você trouxe seu aparelho?

Balancei o celular na mão, sorrindo. Senha colocada e eu, enfim, consegui voltar ao mundo real. Meu celular apitou inúmeras vezes, com notificações referentes a todos os aplicativos. Havia muitas mensagens no grupo da escola, no meu grupo de amigas e algumas da minha família. Uma das minhas amigas mais chegadas pedia notícias. Esperei carregar todas as mensagens e decidi que leria com calma em casa, na preciosidade da minha privacidade. Entretanto, para a minha tristeza, não tinha nada do Henrique. Nada. Não sabia se era um bom ou um mau sinal — o da internet era péssimo, sem dúvida.

Não quis ficar por muito tempo ali. Logo demonstrei minha necessidade de partir quando a mãe dela se aproximou e, enxugando as mãos em um pano de prato, estendeu-a em seguida em minha direção, cumprimentando-me.

— Oi, Lara. Menina, como você cresceu! Tornou-se uma linda jovem — elogiou sem esconder como seus olhos avaliaram cada parte do meu ser, com um sorriso brincalhão e um olhar materno. A mulher de meia idade se parecia muito com a filha, apesar do cabelo com muitos fios grisalhos sobressaindo os de cor de mel. Ela era alta, esguia, muito bonita e cheia de gentilezas ao direcionar sua fala a mim. — Que bom te ver aqui. Nossa casa está aberta para você vir sempre, vamos adorar te receber para um café.

Olhei para Gabi e ela sorria balançando a cabeça positivamente.

Ok, isso era uma coisa boa.

Lá tinha internet.

Acho que faria visitas com mais frequência.



## Capítulo 2

— Lara, quero que me faça um favor. — Meu pai se aproximou de mim, na varanda, interrompendo minha leitura matinal, a única possibilidade de diversão que me restara. — Preciso que busque uma encomenda lá na mercearia do Seu Genaro.

— Sonho seu se acha que vou andando até lá! — retruquei, sem me dar o trabalho de tirar os olhos das páginas amareladas do meu livro de romance.

— Você pode ir a cavalo — ele disse, fazendo-me encará-lo bem a tempo de ver um sorriso malicioso brincando em seu rosto.

— Nossa, como você está engraçadinho hoje! — Revirei meus olhos e, ignorando-o completamente, voltei para a leitura.

Embora eu amasse meu pai, ainda estava sentida por ser ele o causador dos meus recentes infortúnios. Eu me recusava a dar o braço a torcer e a melhor maneira de deixar claro minha insatisfação era, aos meus olhos, evitá-lo, como fazia naquele momento.

— Lara, é o seguinte — soube que viria chumbo grosso para meu lado quando o pé dele tocou minha perna, obrigando-me a erguer os olhos e dedicar a ele minha atenção —, tem exatos 20 dias que estamos aqui e você não fez nada a não ser reclamar de tudo e me implorar para colocar internet para você se afundar no seu mundinho cheio de ilusões. Contudo, quando eu te peço alguma coisa — e aqui ele acentuou com um pouco de drama —, uma coisa só, você é incapaz de se dispor a fazer.

— Contratar um pacote de internet rural não te faz desgastar as solas dos sapatos correndo o risco de ser um alvo fácil nesse

campo minado de caquinha que existe pela estrada a fora — respondi, compreendendo bem a comparação que ele tentava fazer. Se ele pensava que eu cairia no joguinho dele, estava enganado. — Sem contar que é bem longe para eu ir até lá a pé — apelei para as únicas armas que possuía naquele momento: meus argumentos.

— 600 metros? Isso por acaso é longe? — Ele riu zombeteiro, cruzando os braços em frente ao peitoral.

— 1200 metros, contando a ida e a volta — corriji.

— Ok, vamos fazer um acordo. — Meu pai se abaixou até ficar na mesma altura que eu.

— Gosto de acordos! — principalmente os vantajosos. — Faça sua proposta — pedi, fechando o livro para demonstrar minha predisposição para negociar.

Papai sorriu e me olhou dentro dos olhos.

— Você busca minha encomenda sem reclamar e permanece... — ele pensou um pouco antes de continuar — dez dias, ao menos esse tempo, privando a mim e seus avós de tanta murmuração.

— E... — indaguei esperando a recompensa.

— Se você conseguir manter sua parte no acordo, eu providencio a internet para você — propôs, tocando gentilmente em meus cabelos, provavelmente querendo me desarmar com seu carinho de pai.

Crispei os olhos e, fugindo de seu contato, quis me certificar de que ele falava sério.

— Dez dias? Promete?

— Dez dias! — garantiu, com um sorrisinho brotando nos lábios. — Você tem a minha palavra!

Sorrindo por dentro por dar como certa a minha vitória e apreciando sobremaneira o que ganharia com aquele trato, estendi a mão para ele, pronta para firmar nosso acordo.

— Tudo bem. Negócio fechado. — Depois de selarmos com um aperto de mãos, eu me levantei rapidamente. — Eu vou trocar de sapatos e partirei em seguida.

Dei os primeiros passos em direção ao interior, quando ouvi a voz de meu pai interromper minha caminhada.

— Filha — ele chamou e eu me volvei para ele, que se levantava com tranquilidade, sorrindo abertamente. — Eu já fechei o contrato com o provedor da internet, e eles estarão aqui daqui dez dias. Você teria sua internet, mesmo se não topasse. Mas, acordo é acordo! Precisamos manter nossa palavra! — Deu de ombros, terminando com outro sorriso vitorioso.

Droga!

Meu pai era engraçadinho mesmo. Parece que eu nunca aprenderia! Ele e seus acordos, sempre conseguindo o que ele quer no fim das contas. Depois de avaliar entre meus sapatos qual seria melhor para aquela longa jornada, optei por um tênis de caminhada. Desejando cumprir rapidamente minha tarefa e voltar para a segurança do casarão, andei a passos rápidos pela estrada de terra empoeirada, em direção ao armarinho do seu Genaro, uma espécie de “ponte” entre a cidade e a região.

E, assim, prossegui no desafio. Desviei de cocô, de galinha, espantei cachorro. Sorri um sorriso falso para o senhorzinho que passava cumprimentando, todo simpático. Enfim, ao chegar no meu destino final, constatei que meus problemas não tinham acabado.

A cena do meu pai rindo freneticamente da minha cara ao constatar qual era a encomenda dele surgiu em minha mente, servindo apenas para me deixar ainda mais horrorizada.

Uma galinha viva! Isso, uma galinha! Que espécie de pai manda a filha andar por 600 metros para buscar — na mão — uma galinha? E eu precisava levar ela viva, porque, segundo o seu Genaro, ela era boa para botar, não para comer. Fiquei um minuto em silêncio, olhando para aquele ser vivo à minha frente, me perguntando como eu completaria com sucesso minha missão. O senhorzinho sorridente, vendo-me inerte, garantiu que não havia motivo para preocupação, uma vez que ele colocaria o animal em um saco, facilitando o transporte.

Sabe quando você estende a mão, hesitante, para pegar algo que você não quer tocar? Era exatamente eu naquele momento. Demorei a reagir, até que, enfim, recebi da mão do Seu Genaro o saco com a galinha “gritando” lá dentro. Afastei o objeto, deixando-o o mais longe possível de meu corpo antes de tomar o rumo de volta

para casa. Entretanto, rapidamente concluí que aquela tarefa não seria nada fácil.

Já tinha percorrido metade do meu caminho, parando diversas vezes, desesperada com a movimentação do bicho agitado dentro do saco, quando ouvi a aproximação de um cavalo, cujo cavaleiro não demorou muito para se manifestar.

— Quer ajuda para levar a galinha? — Constatei que a voz que ouvi era de um homem jovem.

Instintivamente, olhei para o lado e encontrei um rapaz vestido a caráter: um jeans surrado e uma camiseta cinza com as mangas dobradas. O cabelo liso estava desalinhado e os fios de cor castanho escuro, apresentavam ter vida própria e insistiam estar onde claramente não deveriam, como uma mecha caída sobre a testa. A pele era morena, queimada de sol, os ombros largos e os braços com músculos bem escondidos dentro da camisa pareciam capazes de sustentar uma grande quantidade de peso. De fato, o caipira não aparentava ser alguém que ficava parado esperando o mundo servi-lo em vez de fazer o trabalho pesado. Não duvidaria se as mãos também fossem calejadas e grossas.

Seus olhos, assim como seus lábios, sorriam. Não havia qualquer esforço da parte dele para esconder o quanto estava se divertindo, achando graça da minha situação.

— Não, obrigada! — respondi, ríspida, desviando o olhar para a estrada.

— Me parece que você está com um pouco de dificuldade. Posso levá-la para você — insistiu, mas a oferta me pareceu um tanto zombeteira.

—Não, eu consigo. — O desafio me fez erguer a cabeça e me concentrar em meu objetivo, embora mantivesse a galinha o mais distante possível do meu corpo.

O animal, logicamente, não estava nenhum pouco feliz com o transporte desajeitado.

— Você vai estressar a galinha dessa forma — ele disse. Embora eu continuasse com os olhos presos à estrada, eu o vi, de soslaio, descer de sua montaria e caminhar do meu lado. Para minha surpresa, o cavalo o seguia, sem nenhuma corda para guiá-lo.

Gente, será que ele era um encantador de animais? — Por favor, estou preocupado com o bem-estar dela.

Olha só! Quanta audácia vinda de um caipira desconhecido!

Vendo que ele não desistiria, cessei minha caminhada e me voltei para ele.

— Olha, eu fiz um acordo com meu pai e eu vou levá-la de qualquer maneira. Por favor, peço que me deixe cumprir com meu dever — disse, firme, dando a entender que não estava disposta a ceder ou mesmo conversar.

Mas ele não entendeu meu recado e continuou me seguindo quando voltei a caminhar. Será que eu deveria me preocupar? Afinal, papai garantiu que Canaã era um lugar tranquilo e não havia indícios de perigo, ladrões ou de pessoas mal intencionadas.

— Por favor, deixe-a mais próxima do seu corpo, dessa forma você evitará que o saco balance tanto. — Sua voz dessa vez saiu mais serena, demonstrando uma real preocupação com o estado da bichinha.

— Muito obrigada pelo seu conselho, mas minha casa é logo ali. — Apontei em direção a fazenda, tentando afastá-lo de vez. — Já estou chegando e dou conta do serviço.

— Tudo bem — respondeu um pouco impaciente, voltando a montar no seu animal — Vejo você em breve. Miúda...

— Miúda? Que raios significa isso? Esses caipiras não tem respeito com os outros? — indaguei, enquanto o via se afastar apressado.

Indignada por ser destrutada daquela forma, mal vi quando atravessei a porteira de casa. Contudo, não demorou para eu ouvir a repreensão severa de meu pai pelo modo que eu carregava a galinha. Ela estava estressada — e, pelo visto, não só ela.

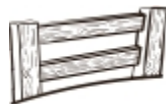
— Não enche, pai. Cumpri o acordo. Não fazia parte do trato trazer a galinha no colo. — Enfim pude me livrar daquele bicho, entregando o saco na mão dele, com cara de poucos amigos. — Isso só me fez perceber como você pode ser muito ruim quando quer.

E assim eu o deixei, indo direto para o banho. Precisava lavar todos os vestígios de sujeira do meu corpo.

Mais tarde, deitada na cama, pronta para dormir, olhei para o teto, lembrando daquela aventura que mais parecia um filme de

terror.

E também daquele jeca a cavalo...  
Seria assim o fim dos meus dias?



Os dez dias se passaram e a antena rural, capaz de captar um sinal de internet — lento como uma tartaruga — estava lá, instalada e funcionando. Porém, serviu apenas para aumentar minha decepção. Dessa vez não havia nenhuma mensagem pessoal para mim, muito embora o grupo da escola estivesse bastante movimentado. Faltava apenas uma semana para a nossa formatura. Todo mundo demonstrando a ansiedade característica que antecede um evento daqueles, comentando todos os detalhes do que esperavam do nosso grande dia.

Para não ser injusta, no meio das milhares de mensagens perguntaram por mim. Minha colega mais próxima respondeu que eu não tinha acesso à internet. Eu iria? Alguém respondeu que sim.

Não minto, assim como meus colegas, eu estava bastante empolgada. Já tinha comprado meu vestido antes mesmo de me mudar, sabendo que não encontraria nada decente naquele fim de mundo. Encontrei alguém para arrumar meus cabelos na vizinhança e estava torcendo que a pessoa soubesse o que estava fazendo, me transformando em Cinderela e não em Gata Borralheira. Eu e meu pai optamos por sair de casa e seguirmos direto para a festa. Passaríamos a noite na casa de uma tia e voltaríamos assim que acordássemos no dia seguinte.

Mande mensagens para minhas amigas e fiquei aliviada quando recebi a resposta, garantido que estavam muito empolgadas em me ver em breve.

Mas nada do Henrique. Nenhuma mensagem. Nenhuma referência. Nenhuma aparente saudade.

Será que a minha carta o teria afastado de mim? Ou ele estava esperando para me encontrar ao vivo e se declarar? Confusa, considerei a segunda opção e permaneci silenciosa, não entrando em contato, ainda que tenha aberto ao menos cinquenta vezes o chat entre nós.

Meu consolo era que ele estaria lá, lindo, como só ele era.  
Ahhhhh!



## Capítulo 3

— Lara, minha menina! — Papai se aproximou, a emoção visivelmente manifestada em sua feição. Ele segurou minha mão com carinho e beijou minha testa, tão cuidadoso e amoroso como costumava ser. — Como você está linda! Me lembra sua mãe quando a conheci.

— Obrigada, pai. — Fechei meus olhos, emotiva com a comparação.

Ele estava certo, de fato eu parecia com mamãe. Havia herdado dela os cabelos claros, que não eram nem loiros, nem castanhos, mas algo que remetia ao mel. Nossos olhos também continham traços esverdeados, embora a cor avelã predominasse. Já os fios ondulados eram características da família do meu pai, apesar de, naquele momento, como costumava usar nos últimos anos, estivessem escovados e lisos.

Meu pai se afastou gentilmente, enquanto tomava o guarda-chuva em suas mãos.

— Vamos?

Acenei positivamente, contudo, meus pensamentos me levaram diretamente para a água que descia do céu, caindo no solo encharcado depois de dois dias de chuva ininterrupta.

— Espero que a chuva não atrapalhe meu cabelo — declarei apreensiva, tocando na cabeça, onde um penteado muito bem elaborado era resultado do trabalho bem sucedido de uma cabeleira local.

Papai olhou para o exterior, depois para mim e, me entregando o guarda-chuva, sorriu.

— Vou buscar o carro e parar aqui, bem pertinho, não se preocupe.

Meu pai desceu a escadaria correndo, os braços elevados, protegendo a cabeça. Suspirei, um pouco aflita.

Era meu tão sonhado dia. Havia passado todos os meses, desde o início do ano, idealizando o meu baile de formatura. E, até então, tudo havia saído como o planejado. Eu estava devidamente vestida, como o esperado para um evento de tal porte. Meu cabelo e maquiagem ficaram impecáveis, como eu desejava. Meu pai estava encantador, como há tempos não o via, tão charmoso vestindo um terno alinhado.

Nada havia saído do planejado, com exceção daquela chuva teimosa, que insistia em molhar cada espacinho de terra ao nosso redor. Porém, como prometido, papai parou o carro bem próximo da entrada e eu consegui entrar sem maiores problemas.

— Podemos ir? — meu pai questionou com um sorriso um pouco forçado.

— Por favor! Não vejo a hora de rever meus colegas.

Ele me olhou mais uma vez e pareceu um pouco tenso, mas era eu quem demonstrava mais toda a minha preocupação e frustração com o clima e os eventos inesperados daquela noite. Sabendo o quanto o baile era importante para mim, em silêncio, deu partida no carro, seguindo os nossos planos. Entretanto, não contávamos com o aumento exponencial das águas que desciam do céu, sem dó de uma adolescente cheia de expectativas com o dia mais especial de sua vida escolar.

Estava anoitecendo, e a chuva tornava a visibilidade ainda pior. Papai, porém, nada disse. Continuou o trajeto, respondendo uma ou outra pergunta de sua filha aflita, sem tirar os olhos da estrada. Porém, quando estávamos a cerca de sete quilômetros de nossa casa, sentimos o carro deslizar pela lama e travar as rodas em algo.

— Droga! — papai murmurou e, tentando fazer o carro se mover, acelerou mais uma vez. — A roda atolou. — A apreensão e o nervosismo eram bastante claros em seu tom de voz. — Vou ter que

sair para tentar mover o carro — declarou, evitando me encarar, prevendo, talvez, minha total desolação.

— Pai... Está chovendo muito!

Imaginando como ele poderia encarar tanta chuva e se manter seco para continuarmos nossa viagem, olhei para o lado de fora, avaliando nossa real situação. Ouvei a porta do carro se abrindo e, sem atender minhas súplicas, meu pai saiu.

— Pai! — tentei chamar, mas ele desapareceu na escuridão.

Mordi os lábios, preocupada, cheia de dúvidas de como sairíamos daquela enrascada. Cerca de um minuto depois ele apareceu diante da porta aberta.

— O buraco não é muito grande, mas a roda ficou presa e a lama não ajuda. Vou colocar uma pedra ou tábua embaixo e tentar dar tração para conseguirmos sair — ele explicou tentando esconder a irritação.

— Pai, você vai se molhar ainda mais, por favor, vamos esperar dar uma trégua — pedi inclinando-me sobre o assento do motorista, tentando convencê-lo a pensar melhor na ideia.

Papai negou com a cabeça.

— Essa chuva não vai parar tão cedo. A água está escoando bem ao lado da roda e eu temo que ela afunde ainda mais com essa pequena correnteza que se formou. Se eu não tentar agora, pode ser impossível retirar o carro sozinho — ele declarou e em seguida partiu, depois de fechar a porta.

Enquanto meu pai procurava algo que servisse de suporte para a roda, pensei se haveria algo que eu pudesse fazer para ajudá-lo. A chuva chicoteava no vidro, e minha tensão aumentava a cada segundo. Olhei para trás e o vi com um pedaço pesado de madeira nos braços, caminhando em direção à traseira do automóvel.

Tudo aconteceu muito rápido. Ouvei um barulho estranho, seguido de um urro e de palavras nada belas saindo da boca de meu pai, que não estava mais em meu campo de visão.

— Pai? Você está bem? — gritei, passando para o banco do lado do motorista.

— Lara — ele respondeu, e percebi a voz entrecortada. — Acho que me machuquei.

Aflita, pulei para o banco de trás e abri um pouco a janela. Ele estava caído no chão, apoiando uma das mãos na lataria do carro. A madeira estava no solo, ao seu lado. Meu coração disparou só por imaginar o que poderia ter acontecido com ele.

— Eu vou aí te ajudar — declarei rapidamente e levei a mão até a maçaneta da porta, mas ele protestou.

— Calma, meu bem. Você vai se molhar toda, vou tentar me levantar, deve ter sido só uma torção.

Ele tinha razão. Cabelo, maquiagem, roupa... Iria tudo embora na chuva. Peguei meu celular para tentar encontrar um sinal de telefone naquele fim de mundo, mas, sem sucesso, acabei me concentrando no esforço que ele fazia na tentativa de se levantar.

— Acho que quebrei a perna — ele declarou, por fim.

Sem pensar duas vezes, abri a porta e desci, sem me importar com qualquer coisa. Meu coração batia acelerado e eu entendi a seriedade da coisa quando observei que a perna dele se encontrava numa condição bastante preocupante. A luz era pouca, mas consegui ver em seu semblante o quanto ele estava sentindo dor.

— Ai, meu Deus, pai! — Me abaixei, mas não sabia o que fazer. — Precisamos de ajuda. Não consegui sinal no celular. — Me levantei e olhei em direção à luz que vinha de uma propriedade um pouco distante. — Vou até a fazenda ali da frente tentar pedir socorro.

Não deu tempo de ouvir a resposta dele, pois logo meus ouvidos captaram o som de um carro se aproximando. Sem pensar nas possíveis consequências, acenei freneticamente enquanto caminhava em direção aos faróis cada vez mais próximos. Não era possível enxergar muita coisa, mas ouvi quando a porta do carro desconhecido se abriu antes de uma voz masculina soar em nossa direção.

— Ei, está tudo bem aí?

— Não, meu pai... Acho que ele quebrou a perna — gritei pensando se iria até o homem implorar por auxílio ou voltava até onde meu pai estava.

— É você, Benjamin? Que bom ouvir sua voz — papai respondeu, aliviado. — Não consigo me levantar. Acredito que vou precisar ir para o hospital.

— Marcos? — O homem perguntou, preocupado, enquanto caminhava em nossa direção. — Está tudo bem?

Quando, enfim, pude ver quem se aproximava, constatei que se tratava do caipira tosco. Contudo, poderia ser até um jumento — se esse jumento tivesse carro e pudesse dirigir — que eu estaria muito aliviada pela chegada de socorro. Após eu explicar o ocorrido, ele se prontificou a buscar ajuda e eu agradeci. Voltando até meu pai, segurei sua mão e falei palavras de consolo que pareciam mais para mim mesma do que para ele.

Aos poucos, a chuva foi diminuindo de intensidade e eu me dei conta de meu estado: completamente molhada, provavelmente com o rosto todo borrado pela maquiagem e de salto alto no meio de todo aquele barro.

— Consegui falar com a Daniela, logo a ajuda chega — o caipira em questão apareceu e se posicionou ao nosso lado.

— Como conseguiu sinal? Meu celular não funciona por nada nesse fim de mundo! — indaguei, encarando-o e percebendo que ele também não tinha mais nenhuma parte do corpo seca.

Benjamin me encarou um pouco confuso e, para a minha completa surpresa, esclareceu:

— Meu celular está funcionando normalmente. Qual é a sua operadora?

Depois de responder sua pergunta e ele me explicar que apenas uma operadora tinha sinal em Canaã, pensei, por um instante, que minha família certamente não quis que eu soubesse daquela informação. Porém, meu pai murmurou ao lado, expressando sua dor e eu logo mudei meus pensamentos.

— Tem hospital por aqui? — Levantei e, aproximando-me do caipira, expressei baixinho minha preocupação. — Ele não me parece bem.

— Provavelmente irão levá-lo para a cidade. No posto aqui perto não terão muito o que fazer para ajudá-lo — ele respondeu no mesmo tom.

Naquele momento, a preocupação com meu pai era tão grande, que nem me lembrei de que estava perdendo a minha formatura. Todos os meus esforços eram em prol de seu bem-estar. Não suportava pensar em algo ruim acontecendo com ele e, por isso,

agachei ao seu lado, abraçando-o para tentar buscar algum consolo para nós.

— Vai ficar tudo bem, minha pequena — ele disse, acariciando meus braços.

A chuva começava a dar trégua, quando um carro chegou. Benjamin tomou a frente, recepcionando as pessoas que rapidamente desciam com seus equipamentos. Eram três homens, que manobravam uma maca, e uma mulher. Afastei-me do meu pai enquanto ela imobilizava a perna dele, entre gritos e gemidos de dor. Quando o levaram para o carro, segui atrás, porém, fui barrada.

— Você não pode ir, querida — disse a mulher num tom gentil, mas firme. — Feche o carro e vá para casa. Não vão autorizar mais de um acompanhante, e você não ficará bem acomodada em um hospital, principalmente no estado em que está.

— Eu cuido da Lara, Marcos, e amanhã providencio para rebocar seu carro — Benjamin, que estava próximo, disse ao meu pai, que murmurou um agradecimento sincero já dentro do veículo.

Ficamos ali, na chuva, eu e o caipira, observando o carro partir.

Suspirei e ergui a cabeça, fitando o céu. Como tudo poderia dar tão errado de uma hora para a outra?

Caminhei até o carro e tirei a sandália, cujo salto travava a cada passo dado naquele chão lamacento. Meus pés tocaram a lama e eu fiz uma careta, expressando todo o meu nojo. Joguei os sapatos dentro do automóvel, peguei meus pertences e tranquei todas as portas.

Benjamin já estava ao lado do carro dele. Caminhei lentamente até lá, mas, quando olhei para baixo, percebi o quanto meu vestido havia se tornado transparente e colado ao meu corpo, devido à água que ainda escorria pelo tecido. Agradei internamente pela escuridão, evitando me aproximar demais do rapaz.

— Ei — ele disse quando percebeu eu me afastar lentamente. Havia um casaco em sua mão. — Toma, veste. Você precisa se aquecer ou vai ficar doente.

Tive um pequeno momento de dúvida se o casaco era para me esquentar mesmo ou esconder meu corpo, contudo, para as

duas coisas ele me serviria muito bem. Aceitei a oferta e o vesti, agradecendo pela gentileza.

— Vamos, vou te levar para casa.

Benjamin abriu a porta e, ao perceber meu receio em entrar e molhar todo o assento, ele sorriu.

— Não se preocupe, eu já molhei tudo aqui também. Pode entrar, por favor.

Sentei-me no banco de passageiro e mantive meus olhos fixos na estrada à frente. Ele deu a volta e entrou no carro também, dando a partida e fazendo uma conversão para retornar pela estrada de onde viemos.

— Seu pai vai ficar bem, não se preocupe, ele está em boas mãos. A Daniela é excelente profissional — ele tentou me consolar, cortando o silêncio instaurado.

— Ela é médica? — perguntei mantendo meu plano de olhar apenas para frente.

— Enfermeira.

— Fico um pouco mais aliviada, ele não me parecia muito bem — respondi e me rendi, reclinando a cabeça no encosto do banco.

Ficamos em silêncio por mais um tempo.

— Vocês estavam a caminho de uma festa? Você está... Ham... — Percebi com o canto dos olhos que ele me olhou rapidamente ao fazer uma pausa hesitante. — Toda bonita...

— Eu *estava* bonita — corrigi, lamentando minha infelicidade. — Agora estou toda molhada. — Suspirei e passei a mão nos meus cabelos. A ficha caiu e eu me recordei do que estava perdendo. — Era minha formatura.

— Sinto muito — declarou sincero.

Não respondi. Não desejava falar sobre aquele assunto, principalmente com um desconhecido. Além de tudo, estava muito preocupada com meu pai e preferia o silêncio, enquanto a frustração e a raiva cresciam, misturando-se a acusações de que deveríamos ter sido mais prudentes e mudado os planos, saindo mais cedo.

Contudo, minha parcela de contratempos ainda não tinha acabado. Na porta de casa, ao ver tudo escuro e trancado, lembrei

que meus avós tinham saído mais cedo e as chaves de casa haviam ficado no porta luvas do carro.

— Ai, meu Deus, só me faltava essa! Eles não voltaram — constatei consternada.

— Seus avós ainda estão na vigília — o caipira respondeu apoiando-se no capô do carro.

— Vigília? Que vigília?

— A nossa igreja está reunida com a igreja de Nova Canaã, a comunidade vizinha. Passamos a noite orando, louvando a Deus, ouvindo a Palavra. Provavelmente renderá algumas boas horas até acabar — ele explicou, condoído com minha situação. — Seus avós foram com os Bezerra. Eu estava indo para lá também quando encontrei vocês.

Sentei na escada e levei as mãos até a testa, apoiando meus cotovelos nos meus joelhos. Estava me segurando, com todas as forças, para não desabar em choro. Respirei fundo e passei a pensar no que faria sozinha, toda molhada, sem as chaves de casa.

O rapaz, aparentemente, percebeu meu desespero.

— Olha, a Gabi está em casa — ele informou apontando em direção a casa dela. — Você pode passar a noite lá, até seus avós chegarem. Ela te empresta uma roupa seca, vocês parecem ser do mesmo tamanho. Se continuar toda molhada assim, amanhã estará de cama.

Eu não tinha nenhuma opção, sabia que aquela era a única alternativa diante do meu desespero. Rendida, voltei para o carro e ele nos conduziu até a fazenda ao lado. Quando estacionou em frente à varanda, buzinou algumas vezes, até Gabi abrir a porta, assustada.

— O que aconteceu? — questionou, vendo nosso estado.

Eu abracei meus próprios braços e pressionei os lábios. Sentia muito frio e se ousasse contar minha péssima experiência, choraria até não poder mais. E chorar estava fora de cogitação.

Benjamin explicou rapidamente todos os acontecimentos, sugerindo que nós entrássemos devido ao frio. Gabi abriu espaço e colocou a gente para dentro. O caipira entrou com muita naturalidade na casa, enquanto eu estava sem graça por estar descalça, imunda, pingando água do meu vestido e cabelos.

Gabriela me guiou até o seu quarto.

— Ainda bem que o Ben encontrou vocês — ela disse, enquanto procurava uma peça de roupa limpa no armário.

— Ben? — perguntei, tentando fazer a ligação do nome ao caipira.

— Sim, Benjamin, meu irmão.

Estava explicado! Tudo fazia sentido, então. Por isso ele havia me chamado de miúda naquele nosso encontro na estrada. Gabi tinha um irmão mais velho que, na infância, sempre importunava a gente e havia me apelidado, implicando com o fato de eu ser pequena e magrinha.

— Tome, roupa e toalhas limpas. — Gabi me entregou os objetos e indicou a porta do banheiro. — Tome um banho.

Obedeci a ordem dela e, já dentro do banheiro, vi no espelho o meu real estado. Ainda estava vestida com o casaco do caipira, graças a Deus, porque por baixo estava tudo transparente até demais.

Entrei no chuveiro e a água quente foi um alento para meu corpo gelado e minha mente conturbada. Todos os meus pensamentos estavam com o meu pai e o que seria dele. A falta do baile de formatura seria sentida posteriormente. Eu precisava que ele ficasse bem antes de tudo.

Seguindo as recomendações da Gabi, coloquei as roupas que ela me havia emprestado e abri a porta do banheiro, dando de cara com Benjamin, todo molhado, encostado na parede, com uma toalha em seus ombros, aguardando para tomar banho também. Senti uma pontada de culpa por ter demorado um pouco mais no chuveiro, ele devia estar congelando.

Atrevi-me a encará-lo por um momento, mas desviei o olhar quando constatei o quanto ele era bonito e eu não tinha percebido. Ele sorriu e eu me afastei, dando espaço para que ele pudesse seguir com seus intentos e fui para o quarto da Gabi, com as minhas roupas encharcadas na mão.



## Capítulo 4

Os pais de Gabi também estavam na tal reunião de oração. Ao que parecia, todo mundo ali, assim como meus avós e meu pai, era cristão. Bem, eu não poderia negar que cria que existia um Deus em algum lugar, mas Ele estava preocupado demais em punir as pessoas más para olhar para as boas. Era inconcebível, em minha opinião, que um livro antigo pudesse ser o responsável por ditar regras às pessoas, a ponto de estragar toda a diversão do mundo.

Benjamin, cuja noite também havia sido arruinada com aquele trágico acidente, resolveu mudar seus planos e ficou em casa nos fazendo companhia. Gabi estava se recuperando de um resfriado, sendo assim, compartilhou conosco a deliciosa sopa feita por sua mãe, muito embora eu não estivesse muito animada para comer. Eu pouco disse e tive minha privacidade respeitada, uma vez que eles compreendiam minha preocupação com a saúde de meu pai.

Estávamos sentados na sala, um pouco antes de nos retirarmos para dormir, quando o único homem entre nós recebeu um telefonema. Assim que desligou, se dirigiu a mim.

— Era a Daniela no telefone — ele falou e, por seu semblante sério, imaginei que as notícias não seriam boas. — Tudo indica que seu pai será submetido a uma cirurgia, um procedimento específico para tentar consertar o estrago nos ossos. Ainda não há uma data estipulada para a operação, por isso, ele precisará ficar internado. Está sendo medicado, sentindo um pouco de dor, mas estável e bem. — Vendo meu estado de choque, ele encostou-se à mesa de madeira e cruzou os braços, tentando parecer mais relaxado. — A

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Meu querido caipira"  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).